



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 15 de Dezembro de 1990 • Ano XLVII — Nº 1220 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NATAL

«**N**AQUELES dias, o povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para os que habitavam na terra da escuridão uma luz começou a brilhar.»

Dentro de pouco tempo é a festa do Natal. Muitas luzes enchem as ruas das cidades, dos grandes centros. E, nas aldeias, as famílias buscam, no aconchego do lar, o calor humano, típico, que lhes falta ao longo do ano. As pessoas estão mais pertinho umas das outras. A bondade semeada no coração da gente, desde o princípio, manifesta-se em palavras e em gestos. O Natal é a revelação da grande Verdade, do segredo de Amor do Pai.

O Pai ama-nos; e quer que nos amemos. Para entendermos melhor que assim é, faz-Se pequenino, de carne e osso como nós. Faz-Se pobre; dependente; em tudo igual a nós, para aprendermos que uns sem os outros não estamos bem.

Quando a pessoa descobre esta verdade pode dizer que viu uma grande luz e saíu da escuridão.

O Natal aparece como festa da Luz. Festa da vida. Como celebrá-la? Primeiro, deixar que a luz entre em cada um. Depois, levá-la aos demais.

Que significa para ti o Menino do Presépio? Não é um apelo a tornares-te pequenino? Como podes dar a mão se não te fizeres pequenino?

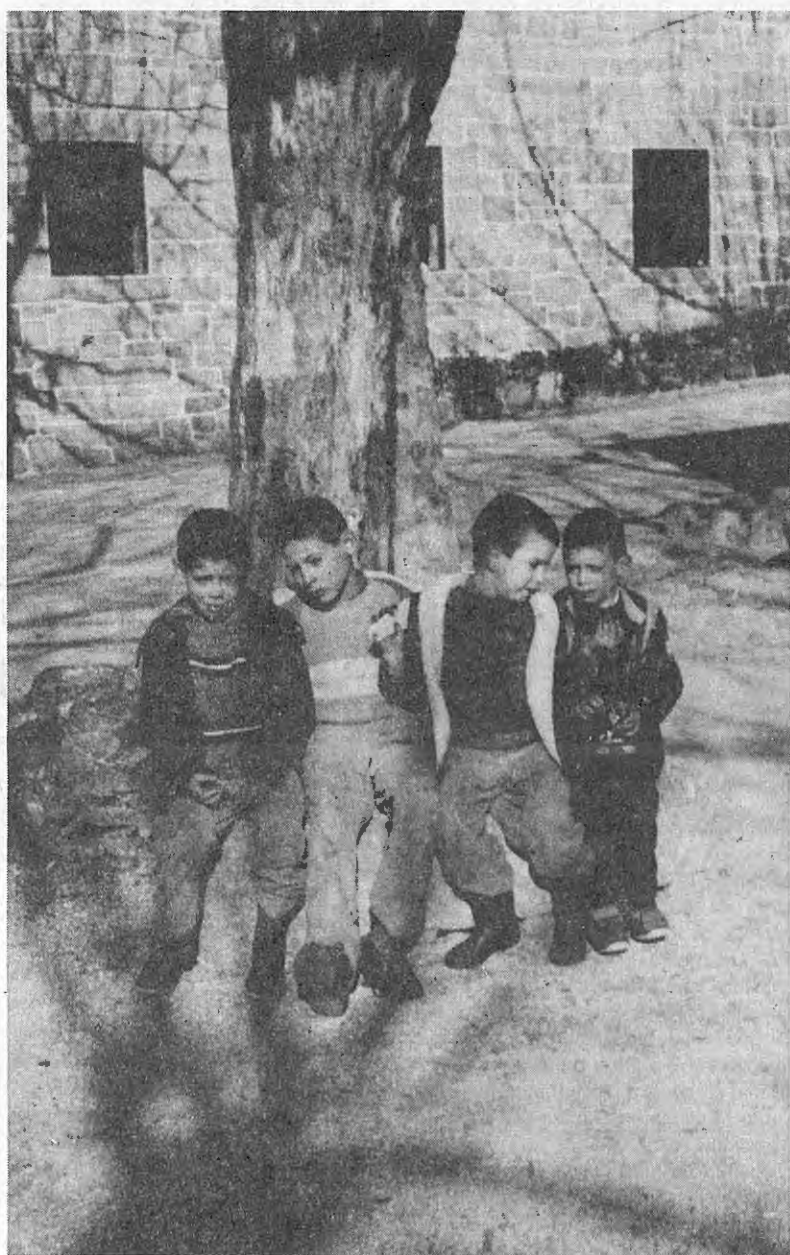
O Fernando Tiago e o Emanuel Joaquim chegaram há pouco tempo. Viviam na «terra da escuridão», sem nada, nem ninguém que os pudesse ajudar. Desde os 4 anos que esperavam a hora da entrada. Têm, agora, 6 anos. São gémeos. Vagueavam pelas ruas dedicando-se à mendicidade, com uma irmã mais velhinha, sendo fácil encontrá-los na zona de Arca d'Água e Amial. A partir de certa altura, começaram a ser conhecidos pela polícia da área... «Habitavam na terra da escuridão, e uma luz começou a brilhar» para eles. É Natal!

Que fazes? Lê: «Eu aprecio vivamente este período do ano pelo que encerra de Alegria, de Esperança, embora reconheça que, por vezes, se relega para segundo plano o espírito do Natal para se mergulhar numa azáfama de consumismo...»

Que fazes? Como vives o teu Natal? Será o teu Natal?

Uma Festa Feliz para todos.

Padre Manuel António



Quantos pequeninos gaiatos vagueavam pelas ruas... conhecidos pela polícia da área...! «Habitavam na terra da escuridão, e uma luz começou a brilhar» para eles — a Casa do Gaiato. É Natal!

SETÚBAL

FOI num domingo à tarde!

A chuva caíra durante três horas em catadupas de alagar tudo.

A cidade apresentava-se encharcada e algumas avenidas da baixa pareciam picadas amarelecidas, cobertas de água barrenta.

Tinha-me comprometido a ir visitar umas famílias pobres a viver em barracas.

Para mim, nada melhor para — como agora se diz — me sensibilizar melhor à realidade que iria ver. O pároco e uma jovem mãe de família que, há anos, carrega, alivia e suporta a cruz dum agregado familiar aguardavam-me pacientemente.

Subimos a Reboreda, miradouro sublime de deliciosas vistas! O mar, a serra, a cidade, tudo ficava diante dos nossos olhos. O céu deixa ver, de vez em quando, por entre nuvens negras, o seu esplendoroso azul. A água escorre nas valetas, pelas encostas abaixo ou prende-se em pântanos nas largas covas do caminho.

Deixamos o carro e, a pé, subimos a encosta até ao Castelo Velho. Diante de nós, quatro barracas onde vegetam famílias de idosos e crianças transpunham-nos para o mundo da degradação humana. O nosso alvo era a do meio, de um único compartimento, habitação de sete crianças e um casal. Escura, gelada, ensopada, escondia no meio da penumbra o corpo dum homem enrolado em mantas e farrapos que só depois de habituarmos os olhos à ténue luminosidade viemos a descortinar. Que ele, muito quietinho, bem preparava disfarçar a sua presença. Era o pai de família. O jovem de vinte e tal anos que se juntara com uma mulher abandonada e já mãe de quatro filhos. Agora, com mais três dele, são sete. A mais pequenina, de dois meses, jazia a seu lado no chão. Não quer trabalhar porque — diz — não está para sustentar os filhos dos outros.

Regressámos de alma dorida e consciência consternada, decididos a não permitir que a miséria vencesse estes nossos irmãos.

A jovem mãe de família que me acompanhava fez com eles um contrato: Ele teria de ir trabalhar. Ela, a mãe dos sete, teria de levar os mais pequenos ao jardim de infância onde o pároco os acolhe gratuitamente e passar no caminho, todos os dias, pela sua casa, levantar iogurtes e fruta e trazer sempre as crianças limpas. Ela, todas as semanas, lhes forneceria o avio.

Apareceu, agora, uma casa numa rua de habitações dum único piso. Custa 3.500 contos. Quero pôr lá esta família. Queria que o próximo Natal fosse para eles uma verdadeira esperança.

A casa ficará em nome da paróquia até que a família dê garantias de estabilidade, depois passará para o seu nome se o contrato for respeitado.

Corta um pouco a abundância da tua mesa. O luxo dos teus presentes. O exagero dos brinquedos para os teus filhos, netos ou sobrinhos. Não te deixes levar por esta mentalidade pagã que faz do Natal uma festa de consumismo onde o dinheiro é cada vez mais imperioso. Reparte os teus bens com os Pobres e olha para Jesus.

Já me comprometi com mil contos, mas, naturalmente, como se poderão fechar as portas onde contamos bater, irei precisar de mais. Quero que esta família passe o Natal onde deve passar — numa casa digna. A jovem mãe, cireneia deste calvário,

Continua na página 4

TRIBUNA DE COIMBRA

Também participei no III Congresso da União das Instituições Particulares de Solidariedade Social, em Fátima. Viemos mais conscientes e mais preocupados. No grande anfiteatro Paulo VI, reuniram-se mil e trezentos congressistas. Uma multidão, na maior parte homens, ansiosa por melhor e mais autêntica formação.

Que Futuro? — Os temas tratados foram vários por pessoas com capacidade. Com experiência e com números. Todos merecedores de muita atenção, a exigir muita reflexão e muita coragem.

Ficámos com uma ideia do trabalho humano das cerca de três mil Instituições Particulares, mais eficiente e mais económico no servir. Novamente, tivemos de afirmar a Jesus Cristo, presente em todos os carenciados, que quem quiser pertencer ao Seu Reino tem de servir. É um Reino de servidores.

Vimos um pouco do panorama da vida da nossa sociedade portuguesa comparada com outros povos. Dentro

de pouco tempo não haverá fronteiras. Seremos todos um povo com liberdade para procurar o seu lugar de viver.

Que preparação técnica e profissional tem a maior parte dos nossos trabalhadores? Com que eficiência no trabalho se poderá contar? Que número de trabalhadores especializados temos nós?

Pareceu-nos que dentro de poucos anos haverá uma multidão de pedintes nas nossas ruas e às nossas portas; no nosso meio, grandes franjas de pobreza. Que teremos, entre nós, uma legião de drogados e marginais, de perto e de longe.

Viemos todos mais conscientes e mais corajosos. Que todos tenham casa para viver. Que todos tenham pão na mesa. Que todos os doentes tenham seu lugar de doentes. Que todas as crianças tenham família. Que todos os homens se sintam irmãos dos outros homens.

Se assim fizermos, estamos a caminhar para o melhor dia de amanhã. Se não... Deus nos livre!

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Tivemos pouca sorte com a azeitona! Além de ser apanhada com cuidado, deu só 154 litros de azeite, verdadeiramente pouco para dar gosto às nossas refeições. Paciência! Para o ano há mais, se Deus quiser.

PLANTAÇÕES — Esperamos o Neca, de Paço de Sousa, para dar um novo visual aos nossos jardins que bem precisamos.

ARCAS CONGELADORAS — Veio um amigo dar-nos instruções de como construir uma arca congeladora pré-fabricada. Já temos algumas paredes feitas, mas falta colocá-las no sítio e pôr as arcas a funcionar.

OBRAS — As da casa-mãe caminham a bom ritmo, pois já tem algumas novas divisões. Futuramente, a residência terá um segundo andar.

Os pedreiros e os rapazes estão a dar o máximo para que a obra avance e tenha um novo visual à maneira dos anos 90.

DESPORTO — Em termos desportivos, a nossa equipa está muito paralisada porque não temos tido qualquer desafio. Por isso, quem estiver interessado em jogar connosco, pode comunicar pelo telefone ou por escrito. Obrigada.

Carlos Zé.

SETÚBAL

DESPORTO/CONVÍVIO — Tivemos dois jogos: O primeiro, em nossa Casa, com os «Cágados» das pontes, que vencemos por 5-2. O segundo, com a mesma equipa, no seu campo. Bola ao primeiro toque; e para os flancos. O Carlitos marcou o primeiro gol da partida. Muita alegria na equipa. Segundo gol por Jorge Anjo. E, a terminar a primeira parte, outro apontado por Jorge Freitas. Na segunda, marcámos o último, por Jorge Anjo.

Já sentimos uma grande mudança na equipa! Foi mais uma preparação para o torneio inter-Casas. Continuamos com necessidade de material desportivo! Chuteiras dos n.ºs 32 até 42.

FRUTA — Os pomares estão carregadinhos de tângeras, tangerinas e laranjas. Ainda não começámos a apanhá-las para as nossas refeições.

TORNEIO INFANTIL — Brevemente os nossos rapazes irão participar num torneio infantil, em Setúbal, realizado pelos «Pélézinhos». Por isso, têm que estar bem preparados, física e tecnicamente.

Jorge Anjo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Foi com enorme satisfação que recebi a boa nova de uma das nossas visitadas por já ter a casa que há muito esperava. Vivía pior que muitos

animais irracionais! A justiça chegou tarde, mas chegou.

Pois façamos Justiça nós também, cada um em si, pensando no nosso Deus que só Ele é Justo. Sendo assim, não nos enganamos.

Dar o que nos sobra é fazer Justiça. Consolar os desesperados é fazer Justiça.

Vestir os nus é fazer Justiça. Perdoar a quem nos ofende, é fazer Justiça.

Muito mais haveria a dizer, mas nós sabemos. Por vezes recolhemo-nos no nosso egoísmo e os outros não contam.

Vamos lembrar nesta quadra os que mais precisam.

Não tenhamos o acanhamento de dar porque quem dá, sente a alegria interior que não se vê, mas existe. Dar torna a pessoa mais nobre, mais humana, mais leve. E, mesmo assim, cada vez temos mais, porque nos contentamos com o necessário e o justo.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Da Holanda, 7.000\$00; anónimo, 5.000\$00; anónimo, 2.000\$00; 2.500\$00 para pagamento da renda duma viúva; entregue no Lar, 500\$00.

Bem hajam.

Cristiano

TOJAL

NATAL — Todos os anos há sempre esta Festa, que os nossos miúdos adoram. Estão ansiosos por verem os presépios feitos e o refeitório enfeitado; mas, acima disto tudo, as prendas.

Um bom Natal para todos os leitores. Este ano será mais agitado. Fica aqui o convite: No dia 24, quem quiser poderá cá passar a noite de véspera, pois às 10 horas teremos uma pequena recita pelos nossos rapazes. Quem não puder, é convidado para a tarde do dia 25, pelas 15 horas, a assistir ao espectáculo. Daqui partirão algumas ideias para, no ano que vem, fazermos a nossa Festa.

VISITANTES — No dia 1 veio até nós um grupo de pessoas que nos ofereceram um bom almoço. Estamos muito agradecidos.

GADO — Mais três cabeças para alimentar! Seguidas umas às outras, nasceram três vitelas. Mais trabalho para os nossos vaqueiros...

FUTEBOL — Com a equipa a 100%, será muito difícil cá virem ganhar. Pois há mais de um mês que não perdemos, tanto em futebol de salão como em futebol de 11. No dia 16 receberemos o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Setúbal. Esperamos ganhar.

AGRICULTURA — A azeitona, este ano, não rendeu muito. Mas sempre foi boa a que se apanhou.

Temos as laranjeiras cheias, graças a Deus. Com as grandes ofertas de fruta que recebemos, não teremos falta por uns bons tempos.

Luís Miguel Fontes

Conferência de Paço de Sousa

VIUVEZ E ORFANDADE — Foi publicado um diploma oficial — Decreto-Lei 322/90 de 18 de Outubro — que reúne e actualiza legislação dispersa sobre a protecção por morte dos beneficiários abrangidos pela Segurança Social, registando inovações:

— Redefinição mais actualizada dos titulares das pensões, estabelecendo-se a igualdade de tratamento entre cônjuges e colocando os descendentes além do 1º grau com direito a abono de família em pé de igualdade com os filhos;

— Reformula e consagra os montantes a dar ao cônjuge e ex-cônjuge, quando concorram, valorizando assim o quantitativo das respectivas pensões;

— Atribui subsídio por assistência de terceira pessoa aos pensionistas vítimas de incapacidade e em situação de dependência total;

— Oficializa, de forma autónoma, as regras de distribuição dos montantes provisórios de pensões de sobrevivência;

— E melhora o subsídio por morte, atribuído independentemente do cumprimento do prazo de garantia.

Já motivados para a problemática da viuvez — não é sem tempo! — seria justo que os legisladores não descurassem este caminho até onde for possível, atendendo às crescentes dificuldades de muitos portugueses — sem voz — que, pela viuvez ou orfandade, sofrem miséria imerecida.

CASA DO XAI-XAI — Os pedreiros terminaram a parte que lhes diz respeito. A moradia tem armação, foi telhada e construímos a necessária rede de saneamento. Tudo por 750 contos.

Agora, vamos para os acabamentos: instalação eléctrica, revestimento de paredes e caixilharia. Esperamos as respectivas propostas, para nosso governo. Depois, seguiremos por fases, em função das disponibilidades.

Do casal-assinante 8723, do Porto, registamos a oferta de 6.500\$00 para a conclusão da obra.

PARTILHA — Vinte rands de Umbilo (África do Sul). Lembrança natalícia da viúva do assinante 13245, do Porto. Outra, da Rua Leão de Oliveira, em Lisboa, «para ajudar a consoada dos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

Habituais presenças: de «uma portuense qualquer»; da Avenida dos Missionários, em Cacém; e de Vilares (Vila Franca das Naves). Parte dum cheque emitido pelo assinante 27856. Idem, da Rua Nossa Senhora de Fátima, Porto, «para solucionar vastíssimos problemas». Que bem!

Mais 1.250\$00, de Bagueim do Monte (Rio Tinto). Doze contos, do Fundão. Remanescente de contas, da assinante 27385, «para as aflições da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Mil escudos, de S. Mamede de Infesta. Idem, da assinante 50417, da Praia da Luz — Lagos. «Pequena contribuição mensal», de Setúbal. Dez contos, da assinante 9550, do Porto.

Um santo Natal e Ano Novo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associações de Antigos Gaiatos

• CENTRO

Quase a terminar o ano jubilar das «Bodas de Ouro» da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e da fundação da Obra da Rua, estamos, agora, num período de maior acalmia que não temido, nem será, desperdiçado.

Muito há a reflectir acerca do papel que as Associações dos Antigos Gaiatos poderão desempenhar, como elos de ligação entre a Obra da Rua e os seus filhos já adultos e autónomos, bem como no campo da amizade e da solidariedade.

Há que dar mais vida aos nossos estatutos e uniformizá-los, ainda que respeitando sempre as realidades locais e os anseios dos associados, inseridos em zonas do País tão diversificadas.

Para melhor podermos realizar os objectivos a que nos propomos, decidimos, agora, dotar a nossa Associação dum pequeno fotocopiador, instrumento que consideramos da maior utilidade para fazermos chegar a todos, onde quer que se encontrem, as nossas mensagens com a rapidez e eficiência desejáveis.

Para tanto, está aberta uma campanha de angariação de fundos, para a qual chamamos a atenção dos associados, em primeiro lugar e também dos nossos Amigos. Será um presente de Natal para a Associação! Os donativos, pequenos que sejam, serão enviados para: Associação dos Antigos Gaiatos do Centro — Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo.

Entretanto, aproveitamos o ensejo para formularmos os nossos votos dum santo e feliz Natal.

Carlos Manuel Trindade

• NORTE

QUEM PRECISA DE QUEM. A nossa reunião mensal teve um momento forte. Falámos do nosso sonho de vermos as quatro Associações dos Antigos Gaiatos unidas por um estatuto comum, ainda que com regulamentos internos

diferentes e autónomos. Falámos das nossas preocupações relativas à dificuldade em arranjar um emprego para um associado que, na curva dos quarenta, se vê agora desempregado. Falámos da festa de Natal dos filhos dos antigos gaiatos. Enfim, o mundo de preocupações duma Associação como a nossa. Entretanto, o Fernando Marques pôs na mesa mais esta preocupação: — Nesta quadra festiva, todos desejamos a todos «um Bom Natal». Não haverá, porventura, entre os nossos antigos colegas algum ou alguns de «pobreza envergonhada» a precisar de uma ajuda discreta? Se alguém souber de alguém que sinta não ter o suficiente para dar aos filhos o necessário a uma Festa de Natal, que nos comunique ou dê-lhe força para aparecer. Saberemos ser discretos. Às vezes, há um certo pudor em revelar necessidades que se vivem na intimidade do lar.

Fiquei a pensar. Claro que este problema da «pobreza envergonhada» sempre foi um problema que muito preocupava a mente de Pai Américo; claro que este não é um problema exclusivo dos antigos gaiatos: é um problema que existe em todas as sociedades, em todos os tempos. Com maior incidência em

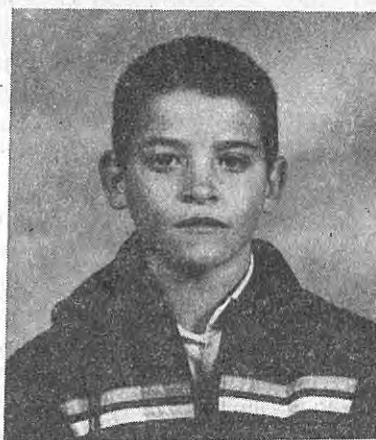
tempos de crise e em «idade de crise» — aquelas em que, pelo peso dos anos, mais depende dos outros. Mas este cuidado, esta delicadeza de pensar em todos os pormenores no que diga respeito aos antigos gaiatos tocou-me particularmente. Pensei naquela palavra de S. Paulo que recomenda a caridade para com todos, com «um cuidado especial para os irmãos na Fé». É natural o pensar-se primeiro nos nossos, aqueles que nos são queridos. E, «a graça não destrói a natureza», antes a respeita e exalta.

Vai daí, aqui fica o recado: Se alguém precisa de alguém, que haja sempre alguém atento e faça chegar até nós essa necessidade; e o que precisa não tenha vergonha de discretamente vir até nós. «O homem, naturalmente, gosta de dar-se, comunicar-se, ser útil» — são palavras de Pai Américo. Nós existimos em fidelidade a esse mesmo Espírito que sempre o animou. Queremos saber merecê-lo.

N. B. — Se o Menino Jesus nos trouxesse, como prenda de Natal, um emprego para o colega de que falamos... Que bom que era! Para qualquer contacto, pode usar o telefone do Fernando Marques: 9515389 ou 819951.

Abel Magalhães

RETALHOS DE VIDA



O «SARDINHA»

Sou o António Manuel da Silva Castanheira Prole, conhecido por «Sardinha».

Tinha 11 anos quando vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Antes de chegar à nossa bela Aldeia, à Casa do Gaiato, só fazia coisas que não devia fazer! Tenho procurado emendar-me para ser cada vez melhor.

No futuro gostaria de ser mecânico.

António Manuel («Sardinha»)

Do que nós necessitamos

Há tantos anos! Sempre a mesma fidelidade! Falo de C. F. que todos os meses vai buscar um bocadinho do seu vencimento para no-lo dar. Mais votos de Natal feliz: «Aproxima-se a Festa do Deus-Menino. Todos vibramos — ricos e pobres — com este acontecimento. O Menino anseia e quer que a mesa seja festiva em todos os lares! Só assim cantaremos com Ele».

Empresas e particulares dão as mãos. Os bens devem ser partilhados por obrigação e devoção. Sentimo-lo sempre que nos dizem: «Agradeço a oportunidade que nos dais de cumprir o nosso dever. É uma forma de exprimir o sentido comunitário do que temos e somos. Por isso, com esse fim, juntamos o nosso cheque de 250.000\$00, esperando que o mesmo vá contribuir para a prossecução da vossa meritória Obra».

Aonde O GAIATO chega, a semente cai e dá frutos. De Londres, «um cheque de 80 libras, em nome da Direcção e Sócios do Clube Lar Português».

Mais velhos e mais novos, posuídos e arrastados pela mesma força, tiram e repartem do que é seu: «Por desleixo que espero o Senhor me perdoará, só agora mando o meu contributo que, em consciência, devia ter enviado. São 100.000\$00 para serem utilizados conforme as necessidades mais prementes. Já velho e cansado gostaria de ler, se Deus me der vida, as Obras do Padre Américo». Outro pedaço de amor fraterno: «Neste momento em que o nosso orçamento familiar foi um pouco favorecido, junto um cheque com uma pequena quantia, parcela do primeiro ordenado que uma das filhas auferiu».

Uma nova assinante adianta-se com duzentos mil escudos. Não têm conta os que vêm, de mãos dadas, com mil, quinhentos e cem escudos. Outros, mais afoitos porque receberam mais, entendem que não lhes pertence tudo e entregam alegremente: «Envio um cheque no valor de 200.000\$ para suprir a necessidade que achardes maior. Que Deus vos continue a iluminar e vos dê muita saúde e muitos anos de vida. Obrigada por tudo quanto fazeis pelos Pobres e que eu não sou capaz de fazer». Outro tanto e «que o Menino-Deus vos acompanhe sempre com o seu amor e que o meu nome seja apagado nas ofertas que aí são recebidas».

Há pormenores tão ricos nas mensagens que acompanham os donativos! Não fossem eles as dádivas seriam mais pobres. Peças de roupa para gente jovem como são os gaiatos. A propósito: Há momentos, chegaram dois sacos de peúgas. São necessárias. Há um tipo de roupa que, normalmente, não vem: trousses, toalhas, peúgas, pano de lençol, roupa própria para crianças, adolescentes e jovens. Pelo contrário, é tal a abundância de roupa

para adultos que não sabemos o que fazer. Deixo o recado: Somos uma casa de gente jovem onde há muitas crianças e adolescentes. Para eles venha a roupa adequada.

«Ao ler as colunas de O GAIATO olho e volto a olhar! Santo Deus! Pequena partilha — 70.000\$00 — para um empurrãozinho no grande mar que representa as lágrimas sofridas dos nossos irmãos.»

Mais força: «Como estamos mais próximos do Natal, cá venho, como de costume, mandar para os que mais precisam um pouquinho da minha reforma». E mandou 7.000\$00. Quem avalia? Quem pesa? Só um — Deus.

Mais: «Envio um vale de 20.000\$00. Peço que me enviem um recibo para que o possa incluir no desconto para o I.R.S. Desculpe este meu pedido, mas como sou um reformado... não quero que a minha pensão de reforma fique mais diminuída.» Que dizcis? Um reformado comum, pobre, devia ser respeitado

pelas leis dos impostos de modo que não tivesse medo de dar por amor e não para fugir ao fisco. A sociedade tem sinais violentos de desumanidade. Estas experiências dos Pobres abalam os bem instalados. Abalam-nos a todos nós. Abalam os governantes.

Mais: «Tenho 63 anos e recebi a minha pensão pela primeira vez. Tinha prometido a mim próprio que, logo que a recebesse, seria para a enviar para a vossa Obra e, como tal, hoje estou a fazê-lo com o coração muito alegre porque o Senhor deixou que eu chegasse a recebê-la. É pouco, pois é a pensão de doméstica. São 17.000\$00. Meu Deus! Quem é digno de receber este dinheiro!? Como não havemos de amar os Pobres e bater, bater à porta dos ricos para que vejam e se convertam. A Obra da Rua não cai enquanto tiver estas pedras no seu alicerce. Quem pode resistir e ficar parado? Onde está o sábio? Onde o poderoso? Quem

vale mais? O Evangelho é de hoje e será. Como anuncia-Lo? Pelo caminho desta viúva. Porque faltam os mensageiros, muitos jovens e adultos debandam e a Igreja perde credibilidade.

«Achei que devia neste Natal dar uma prova do meu amor tão pequeno e pobre em relação ao infinito do Bom Jesus. Sei que há almas tão grandes e a minha é tão pequenina.» Mais uma achega para os mestres. A Fé vive-se; não se demonstra. Há crise de fé porque é mais fácil raciocinar do que acreditar. Esta mulher diz que acredita no mistério do Natal e prova-o: Ama e não sabe dizer nem fazer mais nada. Isto lhe basta: Sentir-se pequenina. Eis o sábio e o inteligente.

Que dizer das três amigas que dizem apenas: «Junto enviamos a nossa habitual e modesta quantia para a vossa Obra (500\$00)». Admiramo-las na sua discreção e, mais ainda, na sua fidelidade.

Ninguém sabe quem é. Não o

conhecemos. Anunciamos que chegaram os 250.000\$00 que enviou. O seu nome é conhecido pelo Pai.

Mais cinquenta mil, de alguém que «resolveu escrever-vos já (sois os pioneiros da minha lista de amizades) e desejar-vos muitas pessoas para vos ajudarem». Mais desconhecidos a dar a mão: desta vez com 200.000\$00. Mas, que fazem os pedregulhos numa construção sem as pedrinhas que lhes dão estabilidade? Uma migalhinha de 500\$00, da Maria do Rosário. Não se podem contar as que caem em nossas mãos. A da mãe amargurada tem um peso especial. Daquel'outra vem com um pedido de desculpa e traz escrito: 40.000\$000. E mais: «Ao ler o vosso jornal fico perturbada por ver tanto sofrimento e tantas necessidades em tantos irmãos nossos. Gostaria, com o meu pouco, poder dar uma gotinha para ajudar a suprir aqueles casos mais prementes». E deu! Outra, 500.000\$00. Que o Natal seja Paz!

Padre Manuel António

ENCONTROS

EM LISBOA

Cá estamos nós na época do ano em que a palavra solidariedade anda de boca em boca. Parece que se respira. Anda no ar. Os corações tornam-se receptivos e abrem-se ao outro. A Mensagem de Natal não está morta: Deus ama, dá a mão, vem ao encontro, entrega-se ao homem, dá o Seu Filho. O Presépio continua a ser a escola onde vamos aprender o conteúdo profundo da solidariedade.

Aqui, por Casa, vai passando também alguma dor à espera de solidariedade. Nem sempre somos solidários como queríamos, mas é como podemos. Fica-nos, às vezes, a sensação de estarmos a tapar buracos e não podermos resolver definitivamente os problemas. Deparamos com situações que se vão arrastando de geração em geração, embora aconteça também que as nossas actuais estruturas sociais criem novos campos que só a solidariedade pode resolver rapidamente.

Apresento o relatório de dois dias em que fui procurado por gente de coração aflito em busca de uma mão aberta que se estenda na sua direcção.

Paguei a água e luz de meses em que o ordenado não chegou para a renda de casa e alimento para a boca de três meninas lindas. A vizinha cansou de dar água. Já há água e luz. Pode voltar a faltar, mas neste Natal há.

Rendas de casa a duas famílias.

Já meses de atraso. Aviso de despejo. «Para onde vamos com nossos filhos?» — diz-me uma mãe. «Matamo-nos a trabalhar e o dinheiro não chega para tudo» — desabafa um homem bem marcado pelo trabalho à chuva e ao sol.

Mensalidades ao Banco, de empréstimo da compra da casa: «Sempre sonhámos com a casa. Não

estamos a aguentar. Vamos perder tudo. Já fomos avisados. Veja a nossa desgraça!»

Um resgate de fio de ouro roubado: «Não tinha nada para comer nem para pagar o quarto. Estou grávida de oito meses. Que vai ser do fruto do meu ventre com tanta fome que tenho passado?» Qual a moral a utilizar?

PARTILHANDO

Pois, minha senhora, tudo seria melhor se nós fôssemos perfeitos e as senhoras da Obra da Rua não acusassem o cansaço duma vida inteira de doação e sacrifício.

Ao seu receio de não se adaptar ao nosso modo de ser e falhas, pode acrescentar:

A vida escondida; tantas vezes, a ingratidão do rapaz; a falta de um bom lume de achas de carvalho — no acolhimento; as incompreensões; o sentirmos, ao fim do dia, que pouco foi feito e, em cada manhã, a urgência de recomeçar.

Também, nem sempre é fácil deixar as redes... Há sempre relação íntima entre elas e o pescador, que se projecta no bem-estar da família, relações pessoais e sua própria realização.

Os Apóstolos deixaram, mesmo... Dá-nos impressão de que elas foram apodrecendo com os barcos — num recanto qualquer.

Bem mais difícil para eles foi a perda de prestígio com a prisão e Morte do Senhor. Este princípio de desilusão foi o começo da vereda estreita que consolidou as suas vocações.

Veja que assim é conosco: Mais que os bens custa deixar estendidos na praia o prestígio, os amigos, as certezas do futuro e o nosso próprio «eu». Carreiro apertado! Mas nele, sem dúvida, a luz será radiosa e fonte de certezas.

Claro que o «sim» ao «vem» de Cristo deve ser total e radical. Ele é o nosso rio, fonte, montanha e sol à volta de Quem gravitamos. Todo o resto não tem importância.

Que nos interessam as folhas caídas e as maravilhas que pisamos na rua? Sim, peço-lhe, continue a sonhar... É tão bom sonhar!

Quem mais que o Senhor-Eterno-Sonhador?!

Abraão não deixou de sonhar com a descendência numerosa como as estrelas, mesmo quando o Senhor lhe mandou pegar na rédea do burrinho para subir ao monte e lá sacrificar o filho. «O Senhor providenciará.» Espírito de fé!

Padre Telmo

Ida a um bairro de lata. Cheiros, feses, podre por todos os lados. Latas, tábuas de todas as formas e feitios, plásticos a servir de telhado e a tapar buracos para que a chuva e o vento não entrem com demasiada fúria, mas o façam mais de mansinho. Crianças no bairro, muitas crianças! Sujas, descalças, seminuas. Pessoas que espreitam e se escondem. Segredos, ali? Todo o bairro ouve. Um caso entre muitos que por ali há: Homem, trabalha quando não está de baixa; mulher, fora há vários anos, pelas beiras das nossas estradas; filha, de dezassete anos, vende-se na baixa e «deposítou» lá em casa um filho que agora tem três anos; rapaz de treze anos que foi à escola até andar na 2ª classe, depois era preciso para pedir; menino de onze anos que mal aqueceu o banco da escola e teve que ir com o irmão; menina de nove anos que não vai à escola porque ninguém a manda; rapariga de catorze anos que «anda com a cabeça levantada por aí». Tudo isto dentro de uma barraca que é a nossa vergonha numa sociedade onde se apregoam direitos...

De regresso do bairro passei junto das novas instalações da Caixa Geral de Depósitos. Como é possível? Contrastes e contradições! Pago para que uma família não perca tudo num empréstimo e tenha a esperança de usufruir de uma casa. Dizem-me que há milhares de processos de gente que vai perder todo o dinheiro que já deu. E, ali, na minha frente, aquilo... Que despropósito!

Dentro de mim continuava a solidariedade a cantar. Natal, Natal! Presépio e palácio de Herodes! Tudo existe e se mistura. Não estou vencido; sinto-me ferido. Natal, Natal!

Padre Manuel Cristóvão

DOCTRINA



Ele há uma fraqueza que robustece e um desalento que levanta

• É já este mês que parte de Coimbra para Vila Nova do Ceira o primeiro grupo de cinquenta gaiatos com seu pessoal dirigente — cinco estudantes e seu dito auxiliar — cozinheira, despenseira, costureira, sem falar noutros braços. A expedição dá fundo a cinco quilómetros de Góis, em uma ridente várzea daquele nome que o povo do sítio quis trocar pelo de Vila Nova, fazendo assim verdadeiro o dito de que ninguém está contente com a sua sorte.

• Repara bem no demonstrativo este mês e advérbio já e medita nas grandes aflições de quem levanta a voz de comando. Estas duas palavras aproximam a data e com ela, trabalhos, responsabilidades, sustos, desalentos, vontade de fugir! Se tu colhesses na vida a experiência das coisas, havias de compreender que a alegria dos colonos não se compra sem amarguras. Todas as flores da Sopa dos Pobres são lindas para ti; os espinhos para mim. Quantas vezes não sofre a gente severas tentações de colher o pano todo e deixar o mar aos outros; a carne é fraca!

• Tão perto o dia da partida; tão demorado o chegar de coisas ao arraial! Temos concluído o pedidório nas igrejas e casas boas da cidade; o azeite não passa de três cântaros; a mercearia conta-se por um quintal de bacalhau e duas caixas de sardinhas magras alinham no magro lote.

• Mães que nos trazem os filhos pela mão (os que mais precisam de ir) num triste «como há-de ser, Padre, se o menino não tem roupas?!» — e nós sem fio de nada, nem peças de que se faça! Trabalhos, insónias, muito desalentar. Tudo está na tua mão, se bem m'a quiseres abrir. A boa dona de casa faz seu provimento no princípio do mês; calha bem a data do meu apelo.

• Peço assim aos nadinhas, em contas de subtrair; e deixo na mão do nosso bom Deus as de multiplicar. Entra dentro de ti mesmo e põe a mão na consciência. Escolhe o cair da noite, a hora de meditar; e, no conforto da tua casa, considera a gratuidade dos teus bens, que nisso encontras seguramente a medida justa do teu dar — e dá.

Padre Acílio

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

Tribuna de Combate à Pobreza

Safu com a data de Julho-Agosto, (mas só agora dele tive conhecimento) o primeiro número deste Órgão do Projecto da Zona Histórica Sé — S. Nicolau, que tem por objectivo informar e mentalizar acerca do referido Projecto. Saudamos esta iniciativa porquanto, sem comunicação, sem trazer à rua o Projecto, nunca ele irá tão longe quanto será possível se a participação de muitos tender a torná-lo obra de todos. Não se trata de publicitar com a intenção do Comércio e Indústria relativamente aos seus produtos, tampouco a dos políticos a respeito dos seus actos de homens públicos. Trata-se, sim, de consciencializar e de mobilizar para uma acção que não depende tanto de um investimento financeiro como do investimento humano — homens e mulheres que a assumam com paixão e sem outro interesse que não sejam os lucros sociais a alcançar. Este investimento, acreditado e avalizado pelo Povo, arrastará aquele. Nunca será por falta de dinheiro que a obra se não fará. A obra é de Justiça e esta um potencial imanente que apenas aguarda que os homens o percutam como fez Moisés ao rochedo em Meribá — é a água jorrou e jorrará. Naquele tempo, a dúvida de Moisés custou-lhe uma pena dura: não entrou na Terra Prometida. O que nos espera a nós, se deitarmos mão ao arado, hesitantes e olhando para trás!... Naquele tempo, a carência era de água, de que o Povo necessitava absolutamente para sobreviver. Também agora se não trata de nada de supérfluo, senão de bens essenciais de que multidões de homens precisam para serem Homens. Pão, casa, saúde, instrução... — alguém duvida de que sem estes bens a humanidade define nos homens que sofrem a sua falta? O conhecimento desta falta, algo de experiência dela, decerto motivarão muitos dos embriagados no supérfluo a trocar a embriaguez pela sobriedade que os tornará capazes do dom de partilhar. Quão largos dividendos de felicidade qualquer projecto de luta contra a Pobreza pode e deve distribuir por aqueles que, nada

SETÚBAL

Continuação da página 1

está determinada a não largar mais estes seus irmãos. A visitá-los semanalmente. A ser para eles mãe e pai, sem medo de paternalismos, assistencialismos ou outros *ismos* de que agora somos acusados. Ela encontrou aqui o caminho da sua realização cristã. O seu caminho do Presépio, do Calvário e do Céu.

Padre Acílio

tendo a receber no seu termo, tiveram oportunidade de dar de si mesmos para se chegar ao bom termo! É a Justiça Social que está em causa. E se o fruto de cada campanha for um estádio de mais Justiça, não sei quem serão os mais felizes: se aqueles que cresceram no seu direito, se os que contribuíram para este crescimento!

Os homens, em maioria, são bons. A sua inteligência e a sua vontade são potenciais de Verdade e de Bem. Todavia, tal como ao rochedo em Meribá, tem de se lhes percutir o coração. E então jorra a «água viva» do amor fraterno que saciará a sede de Justiça que há na alma de cada homem.

Também a estes é devida a ocasião de descobrirem a sua fecundi-

dade — e que feliz não é tal descoberta! Também para estes é a luta contra a Pobreza!

Por isso me regozijo e louvo todo o trabalho de comunicação. Não na procura de louros para os que agem; mas para que «a luz brilhe sobre o candelabro e ilumine a todos», como nos diz o Evangelho.

E só lamento tão tarde ter conhecimento de pequeninas acções em prol da grande acção, que já passaram e perdi a oportunidade de gozar, por exemplo a exposição «Face Humana e Patrimonial de uma Comunidade» que esteve na Casa do Infante e depois no Círculo Católico dos Operários do Porto.

Não sei se os grandes órgãos da comunicação social deram notícias atempadas. Tenho de confessar que

nem o tempo nos chega para acompanhar tais órgãos, nem as notícias em que eles mais se ocupam nos interessam muito. Guerras, guerrilhas, crimes, escândalos, vaidades... — tanto espaço gasto nisto e tão pouco para as *boas notícias* que edificam e confortam!

Por isso o papel precioso dos pequenos jornais específicos, tais como esta TRIBUNA, que faz hoje o nosso caso do dia.

Que ela se divulgue, não apenas no Centro Histórico-mas por toda a cidade e para além dela.

Se os seus redactores «escreverem como quem reza», nem imaginam o bem que hão-de fazer e os bens que hão-de conseguir!

Padre Carlos

O problema da Habitação

Apareceram os primeiros sinais do nascimento do Fundo Social para a Habitação numa comunidade paroquial. A iniciativa partiu dos vicentinos.

As casas do Património dos Pobres, construídas na Paróquia, são mais de uma dúzia. Necessitam de arranjo que estão a ficar degradadas e há que conservá-las como um tesouro de muito valor na comunidade. São a memória dum momento riquíssimo da vida cristã da Paróquia. São testemunho do que pode uma comunidade humana e cristã quando se deixa possuir por um Ideal que nasce da Vida e da Fé.

Sim, da vida. A realidade do Pobre a viver no pardieiro, sem ninguém e sem nada, totalmente dependente dos demais, inquietou Pai Américo de tal modo que o fez lançar o movimento do Património dos Pobres. Foi um sopro do Espírito que passou pelas paróquias; arrancou as comunidades da sonolência e abriu-lhes os olhos para a situação desumana em que viviam alguns dos seus membros. À luz da Fé, porém, tratava-se do irmão que esperava a ajuda da família — a Comunidade.

A reacção, então havida, provou que a comunidade paroquial guardava o tesouro de energia capaz de enfrentar e resolver os problemas da habitação, nesse nível. O Estado não tinha parte, embora devesse colaborar.

Apetece-nos perguntar: Se naquele tempo foi possível, porque não agora? A situação social evoluiu, entretanto. No meio rural já não são tão vulgares os casos de dependência total dos outros, como outrora. Nem por isso deixaram de existir novas situações a pôr à prova o dinamismo criador de novas respostas para o problema da habitação. A Comunidade é a central da energia, ainda hoje.

A Autoconstrução está na linha evolutiva do processo iniciado com o Património dos Pobres. Refiro-me, em particular, às famílias que se lançam na aventura de construir

a sua casa sem os meios necessários, à partida, para a levarem até ao fim. É o operário que mal ganha para comer e dar de comer à família. Eu conheço-os. Começaram a construir; já estão a viver lá dentro. Mas com que renúncias! Tiveram que parar. Necessitam de ajuda para recomeçar.

É aqui o lugar da comunidade paroquial. Com o Fundo Social para a Habitação há a possibilidade de ir lançando lenha para a fogueira, alimentando, deste modo, a chama da Esperança que é fundamental nestes empreendimentos.

Sem a participação da Paróquia não há movimento, não há vida; e a Igreja não está presente nos grandes acontecimentos da vida de seus filhos. Um deles é ter casa.

Os Pobres, deste modo, seriam o motor da vida comunitária. Não podemos passar sem eles para termos vida.

Mas, como? O grupo dos vicentinos rasga o caminho. As casas existentes do Património dos Pobres necessitam de arranjo. Vão percorrer a paróquia, batendo a todas as portas. No momento mais solene do dia, o pároco, do altar, prega a doutrina e anuncia como se faz. Ele mesmo vai também. O pastor não pode mandar, apenas. Tem que ir, se quiser ser obedecido porque acreditado e amado. Toda a paróquia se movimenta. O Evangelho é anunciado com a palavra e os sinais, como naquele tempo.

O dinheiro recolhido vai para o Fundo Social, gerido por gente apaixonada pelo serviço dos Pobres. Só assim bate certo. Dentre os

vicentinos sai o tesoureiro que tem a prática de funcionário bancário ou outra. Os demais elementos têm que ser da mesma raça.

O Fundo do Património dos Pobres da Obra da Rua vai ser sacudido. Só assim cumpre a sua missão. Oh, quem dera!

Aguardo me digam quanto precisam para juntar ao que já lá têm e hão-de levar quanto puder ser. Santo Natal!

Padre Manuel António

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (3 volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista; A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898